

FOTOGRAFIAS ImPERFEITAS: ATUALIZAÇÕES

ImPERFECT PHOTOGRAPHS: UPDATES

Mariana Nunes dos Santos

PPGArtes UERJ, Brasil

mariana.nsantos17@gmail.com

Ana Valéria de Figueiredo

Docente PPGARTES UERJ, Brasil

anavaleriadefigueiredo@gmail.com

Resumo

O seguinte texto é um recorte da minha pesquisa de mestrado, intitulada “Fotografias ImPerFeitas”, que está em andamento. Nela, analiso os registros fotográficos realizados por adolescentes da educação básica utilizando câmeras de celulares, abrangendo turmas do 6° ano do ensino fundamental ao 3° ano do ensino médio, além de uma turma da graduação em Artes Visuais como comparativo. O objetivo principal é entender como as fotografias tiradas e que são “imperfeitas” em termos técnicos, revelam aspectos subjetivos, identitários e emocionais. O conceito de imperfeição é explorado não apenas sob a ótica estética, mas também como uma categoria que interage com a autenticidade, a espontaneidade e a capacidade de narrar histórias pessoais, destacando as invisibilidades presentes em suas experiências diárias. Essas invisibilidades referem-se a aspectos das vivências e subjetividades dos jovens que muitas vezes são negligenciados ou ignorados por olhares externos, especialmente no contexto das redes sociais e pelos padrões estéticos. A metodologia combina análise visual com as minhas vivências em sala de aula, buscando entender as motivações e percepções dos adolescentes em relação às imagens que produzem. O estudo também explora as relações entre fotografia e subjetividade, considerando a produção de imagens no ambiente escolar como uma oportunidade para promover autonomia e empoderamento. Dessa forma, a pesquisa visa contribuir para as discussões sobre arte e educação visual, oferecendo novas perspectivas para compreender e trabalhar com a produção de imagens por adolescentes, valorizando a diversidade, a singularidade e as invisibilidades presentes em suas narrativas visuais.

Palavras-chave: Narrativas visuais; Cultura Visual; Fotografia; Tecnologias acessíveis.

Abstract

The following text is an excerpt from my master's research, titled "ImPerfect Photographs," which is currently ongoing. I analyze the photographs made by adolescents in basic education using cell phone cameras, covering classes from the 6th grade of elementary school to the 3rd year of high school, in addition to a class from the undergraduate program in Visual Arts for comparative purposes. The main objective is to understand how photographs that are "imperfect" in technical terms reveal subjective, identity-related, and emotional aspects. The concept of imperfection is explored not only from an aesthetic perspective but also as a category that interacts with authenticity, spontaneity, and the ability to narrate personal stories, highlighting the invisibilities present in their daily experiences. These invisibilities refer to aspects of the young people's lived experiences and subjectivities that are often neglected or overlooked by external views, especially in the context of social media and aesthetic standards. The methodology combines visual analysis with my experiences in the classroom, seeking to understand the motivations and perceptions of adolescents regarding the images they produce. The study also explores the relationships between photography and subjectivity, considering the production of images in the school environment as an opportunity to promote autonomy and empowerment. This research aims to contribute to discussions about art and visual education, offering new perspectives for understanding and working with the image production of adolescents, valuing the diversity, uniqueness, and invisibilities present in their visual narratives.

Keywords: Visual Narratives; Visual Culture; Photography; Accessible Technologies.

PESQUISA

Tento resumir o objetivo da minha pesquisa no mestrado em poucas palavras: a busca por mostrar possibilidades do "erro" na educação, usando como campo de investigação fotografias "fora do padrão". É um aprofundamento dos estudos iniciados durante a graduação de Licenciatura em Artes Visuais sobre registros fotográficos produzidos por celulares, com enfoque na construção de autonarrativas de alunos/adolescentes da educação básica, que tem como tema "Fotografias ImPerfeitas".

A palavra *ImPerfeito* do título foi pensada de forma a exaltar a grafia das palavras perfeito e imperfeito. A epistemologia da palavra "imperfeito" tem como seguintes significados: não acabado, incompleto, mal executado, incorreto, defeituoso, malfeito; e de perfeito sendo seu contrário. Mas existe alguma coisa realmente perfeita? Ao questionar o que é o padrão, me refiro ao que é considerado usual na linguagem fotográfica e também ao conteúdo que é fotografado. Utilizo, no processo, a exploração de fotografias que classifiquei como *ImPerfeitas*, sendo aquelas que possuem algum desvio técnico aprendido como correto, tais como: borrões pela baixa velocidade do

obturador, desfocadas, sub ou super expostas, granuladas por alto ISO, entre outros. O *ImPerfeito* também se relaciona a tudo que não é do padrão estético hegemônico tradicionalmente aceito. Resignifico esses registros e as pessoas que são retratadas através da criação de autonarrativas. Quero trazer um olhar atento para perspectivas/corpos/vivências que podem ser consideradas de alguma forma incorretas e são, muitas das vezes, desvalorizadas, esquecidas, invisibilizadas, ou até mesmo apagadas, ofuscadas pelos padrões e fotografias consideradas perfeitas.

Como professora de arte, lido com o caminhar pelas técnicas, pela exploração, que podem ser destoantes do resultado final almejado, e isso faz parte do processo de aprendizagem. Quero exaltar o valor do caminho, da prática de se conhecer, das poéticas e narrativas pessoais, das individualidades e como aplicar esses caminhos no ensino da arte e além nas suas reverberações. Ao trabalhar o não hegemônico, inicia-se uma conversa, que pode ser ampliada para o encontro de valor nos desvios, na história não contada, pensando criticamente o que é considerado como padrão. Parto da minha experiência pessoal como artista-educadora-pesquisadora (Dias; Irwing, 2013). Para tal, a metodologia de pesquisa será a de *Narrativas Autobiográficas* (Josso, 1999). Não consigo desassociar meus interesses das minhas experiências pessoais, então escolho narrar minhas vivências como professora de Arte. Sigo como uma viajante, respondendo aos estímulos que proponho aos alunos e à recíproca. O contexto da localização (espacial e temporal) da minha pesquisa é determinante, visto que abordo singularidades. Minha área de interesse está principalmente de acordo com os estudos da *Pedagogia das Visualidades* na medida em que nos é ensinado a ver. É preciso resignificação e entendimento em sala de aula dos mecanismos de pedagogização das imagens do cotidiano, principalmente as das redes sociais.

Iniciei a prática nos locais em que atuei como professora de Arte no ensino básico, do 6° ao 3° ano do ensino médio (2023 - atual). Nestas aulas busquei criar um espaço de experimentação e investigação que fomentava a criticidade e a poética pessoal dos participantes. Consegui um público diverso e que possuía características que fugiam de alguma padronização (física, social, cultural, entre outros). O disparador para a “saída fotográfica” foram as imagens que consomem do dia a dia, suas experiências e o local da escola, de forma a criarem *Autonarrativas ImPerfeitas* e resignificarem o que eles consideram perfeito. Cada colégio que atuei possui características distintas de classe, estrutura e vivências, mas ambos compartilham a forte influência do consumo de imagens, especialmente nas redes sociais, acompanhado pela busca por status e pelo medo do julgamento, almejando uma falsa perfeição. Compreender as produções imagéticas desses jovens requer entender o papel essencial do celular e da imagem como meio de distração e fuga da realidade.

Precisei entender o que esses jovens estão consumindo, em qual plataforma e como isso afeta suas percepções e criações.

CLICAR: UM PONTO NO ESPAÇO

A busca excessiva pela perfeição afunila e padroniza temas, corpos, vivências, etc. Promovendo a aceitação dos “erros”, uma possível consequência será lidar com a autoestima intelectual dos alunos. Não incentivando a produzir imperfeições, mas dar ferramentas para que entendam seus processos e mostrar que para obter um resultado esperado, precisam trilhar um caminho de tentativas e erros. Atualmente, milhares de imagens são produzidas e consumidas todos os dias, através dos diversos meios de comunicação que temos acesso. Os jovens têm enfrentado uma crescente demanda para produzirem imagens, intensificado ao se relacionarem com a internet, as redes sociais e com imagens midiáticas em geral. Essas imagens, no entanto, frequentemente precisam seguir padrões que não refletem a pluralidade de identidades, vivências e perspectivas de mundo. Qual é a história que a fotografia não “postada” nos conta? Os jovens consomem e produzem imagens relatando o dia a dia, seus gostos e desejos através de lentes que gerem boas imagens, seja esteticamente ou pelo padrão de beleza, o que gera *likes*, compartilhamentos, no incentivo ao hiperconsumo e valorização de uma estética hegemônica. Esse cenário pode contribuir para o aumento dos índices de doenças mentais e baixa autoestima nos jovens, devido ao contato despreparado com as imagens que veiculam ideologias dominantes de estilo de vida, beleza e consumo.

Segundo a *Pedagogia das Visualidades* (Pedrosa e Figueiredo, 2017) e essas imagens nos auxiliam na construção de imaginários, da educação não formal, na formação psíquica, de personalidade, perspectiva de vida, por isso é preciso visão crítica. Hoje, com o uso massivo da fotografia digital, temos acesso instantâneo do que se é registrado, o que nos leva à fotografia de celular. Pensando no valor simbólico de uma fotografia, ela guarda um *frame*¹ de memória. Se ao confiarmos no aparato automático das câmeras e mesmo assim uma imagem borrada, tremida, desfocada, for produzida? Essas imagens também possuem valor, narrativa e transmitem sentimentos... O que me faz lembrar de uma função do aplicativo de celular *Google Fotos*, que sugere que em um clique fotos “ruins” sejam apagadas. Se toda arte que fosse borrada não existisse não teríamos alguns registros na/da História da Arte...

Em 2024 a maioria dos celulares possui câmera embutida em seus aparelhos, e com o passar dos anos suas lentes se tornam cada vez mais aprimoradas, além de terem

1 *Frame*, em tradução livre, é um quadro que compõem uma sequência de imagens.

sensores que possibilitam a fotografia mais estabilizada e com indicadores de melhores ângulos, filtros (de cor e iluminação, de mudança de aparência, etc), entre outras funções para obter o retrato mais esteticamente atrativo e ser mais próximo do atual modelo de perfeição. Justamente com esse equipamento de registros rápidos e automáticos que me interesse para investigar a produção de um estilo fotográfico que inglês se chama “*Snapshot*”, que são fotografias espontâneas e rápidas, geralmente realizadas de forma amadora e com câmeras não profissionais. A partir dessa prática consciente, me auxiliando de recursos acessíveis como o celular, pretendo repensar, reconstruir parâmetros, reconsiderar o que seria excluído por não estar nos padrões e, mais do que isso, produzir intencionalmente fora desses padrões. Assim, irei fomentar a capacidade de contarem suas próprias histórias, mesmo que desviantes do padrão, ressignificar desejos e pensamento de erro. Essa busca pela produção perfeita de imagens não abre muito espaço para que outros tipos de imagem sejam produzidas.

Nesse contexto, é central investigar como essa pressão estética e os padrões hegemônicos presentes na cultura e na cibercultura afetam os adolescentes. Pretendo promover uma produção crítica ao enfrentar as imagens que buscam assimilar um ideal inalcançável de perfeição, aceitando o imperfeito e a alteridade diante das visualidades do cotidiano. Como consequência, irei ampliar o repertório de possibilidades dos participantes em nível poético, estético e temático, fortalecendo o bem-estar desses alunos. Quero contribuir nesse campo, em discordância com o célebre fotógrafo Sebastião Salgado, considerando válida a fotografia produzida por celulares como arte. Ele já se pronunciou diversas vezes sobre a fotografia instantânea de celular, que ele considera não ter valor estético (2022), sendo a “verdadeira fotografia” aquela que é registrada de forma manual e passa por um processo de impressão, onde nos relacionamos com a materialidade da foto (2016). Porém, é desconsiderado que “A Fotografia” é elitista, por conta dos equipamentos fotográficos serem extremamente caros e o processo de impressão ser altamente custoso, principalmente após o advento do virtual, diminuindo a sua demanda e aumentando seu custo. O uso da fotografia instantânea é proposital, como meio acessível de acesso à produção de imagens e reflexão sobre as formas que agimos e construímos nossas relações e narrativas. A pesquisa pautada na realidade de nossa vivência carioca tem íntima relação com a busca pela democratização do aprendizado e pensamento de forma crítica através da prática artística.

Em 2024 a maioria dos celulares possui câmera embutida em seus aparelhos, e com o passar dos anos suas lentes se tornam cada vez mais aprimoradas, além de terem sensores que possibilitam a fotografia mais estabilizada e com indicadores de melhores ângulos, filtros (de cor e iluminação, de mudança de aparência, etc), entre outras funções para obter o retrato mais esteticamente atrativo e ser mais próximo do atual mode-

lo de perfeição. Justamente com esse equipamento de registros rápidos e automáticos que me interessou para investigar a produção de um estilo fotográfico Snapshot, que são fotografias espontâneas e rápidas, geralmente realizadas de forma amadora e com câmeras não profissionais. A partir dessa prática consciente, me auxiliando de recursos acessíveis como o celular, pretendo repensar, reconstruir parâmetros, reconsiderar o que seria excluído por não estar nos padrões e, mais do que isso, produzir intencionalmente fora desses padrões. Assim, pretendo fomentar a capacidade de contarem suas próprias histórias, mesmo que desviantes do padrão, ressignificar desejos e pensamento de erro. Essa busca pela produção perfeita de imagens não abre muito espaço para que outros tipos de imagem sejam produzidas.

PERCURSOS

As imagens são criadas pelos alunos durante minhas aulas intituladas *Fotografias Im-Perfeitas*, nas quais os encorajo a explorar e capturar aquilo que consideram imperfeito, errado ou que evoca angústia. São elementos que, normalmente, não seriam compartilhados em suas redes sociais. A proposta das *Fotografias Im-Perfeitas* desafia os alunos a tirarem o maior número possível de fotos, com a tarefa de cada um escolher posteriormente as três melhores e criar uma composição que ilustra suas ideias.

Cada ambiente em que apliquei a proposta possui características distintas e vivências. Contudo, todos se conectam pela forte influência do consumo de imagens, principalmente através das redes sociais. Esse consumo é acompanhado pela busca por status e pelo medo do julgamento. Meu objetivo foi instigá-los a refletir sobre suas próprias produções e, como consequência, afetar seus olhares, mostrar que existem diferentes possibilidades.

A primeira experiência ocorreu em um colégio do Rio de Janeiro localizado na Zona Sul, com turmas do 6 ao 3º ano do ensino médio. A proposta foi que saíssem pela escola fotografando imperfeições, o que achavam de ruim e que poderia ter um olhar diferenciado, tanto do ambiente escolar quanto deles mesmos. O trabalho foi em conjunto com outra professora, que abordou a escritora Carolina Maria de Jesus e suas escritas do cotidiano, abordando preconceitos. Incentivei que fotografassem com o corpo em movimento. Ao longo da atividade, temas de negligência e abandono da infraestrutura escolar emergiram.

Os alunos fotografaram paredes descascadas, espaços abandonados e até detalhes de objetos do cotidiano que, à primeira vista, não seriam considerados artísticos. Esses registros trouxeram à tona a relação dos alunos com o espaço escolar, revelando uma crítica silenciosa ao ambiente em que estudam.



Figura 1 – Fotografia ImPerfeita capturada por adolescente do 2º/3º ano EM. 2023

A segunda experiência foi realizada em um colégio voltado para atletas na Zona Norte do Rio de Janeiro, com alunos que, além das responsabilidades acadêmicas, enfrentavam uma rotina intensa de treinos e competições. Os alunos são em maioria negros e provenientes de origem humilde, acostumados a buscar a perfeição técnica no esporte. Seus registros captaram a relação dúbia que esses alunos tinham com o ambiente escolar: um espaço de rigor e controle, mas também de abandono em alguns aspectos, assim como na primeira experiência. As fotografias capturaram a tensão entre o desejo de perfeição e a realidade imperfeita do cotidiano escolar.

A terceira experiência ocorreu em uma disciplina de graduação em artes visuais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde os alunos já tinham um repertório crítico e teórico mais amplo sobre cultura visual e fotografia. Diferente das experiências anteriores, os alunos produziram intencionalmente imagens que contavam histórias. As fotografias refletiam questões de identidade, cultura e o próprio ato de ver, com um entendimento mais profundo das implicações de retratar a “imperfeição”. Os alunos exploraram a ideia de falha de forma consciente, resignificando as imagens de uma maneira que ampliou as discussões sobre o valor da arte e da cultura visual no mundo contemporâneo.



Figura 2 – Fotografia ImPerfeita capturada por adolescente do 3º ano EM. 2023

BASE TEÓRICA E O DEVIR

Minha pesquisa está ancorada nos estudos sobre cultura visual, especialmente no que diz respeito à forma como as imagens são consumidas, interpretadas e produzidas no contexto escolar. Segundo Pedrosa e Figueiredo (2017), na proposta da Pedagogia das Visualidades, a educação visual contemporânea deve reconhecer o papel das imagens na construção de significados e subjetividades, levando em consideração que vivemos em um contexto saturado de imagens que influenciam diretamente nossas percepções de mundo. A Pedagogia das Visualidades sugere que somos “ensinados a ver”, ou seja, nossa maneira de interpretar e criar imagens é

moldada culturalmente. Minha pesquisa utiliza esse referencial para explorar como os alunos podem ressignificar suas próprias narrativas visuais ao aceitar e valorizar as “imperfeições” em suas produções fotográficas. Em um mundo dominado por padrões estéticos hegemônicos, a prática de produzir imagens fora dos padrões estabelecidos se torna um ato de resistência e de expressão pessoal.

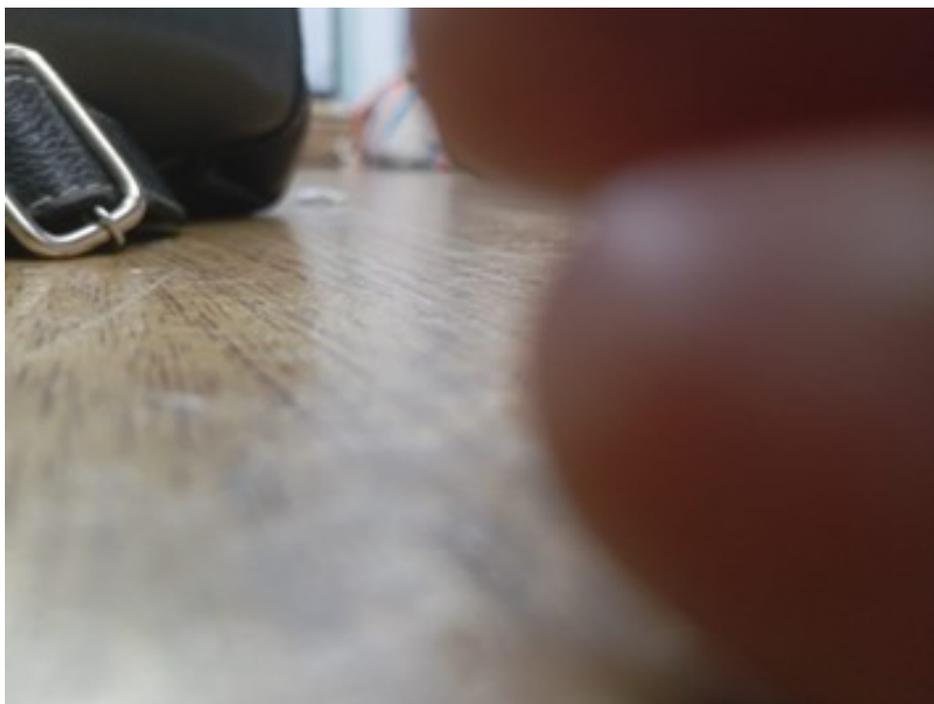


Figura 3 – Fotografia ImPerfeita capturada por aluno(a) da graduação. 2024

A escolha da palavra “ImPerfeitas” no título da pesquisa reflete uma inversão intencional das expectativas normativas sobre perfeição e erro. Aqui, me inspiro nos estudos de Roland Barthes, especialmente em sua obra *Câmara Clara* (2009), onde o autor discute o conceito de *punctum* e *studium*, que permitem uma nova leitura da fotografia. O *punctum* se refere ao elemento da imagem que nos afeta, o detalhe imprevisto que rompe com o controle técnico da fotografia.

Minha pesquisa aprofunda essa ideia ao questionar a valorização excessiva de imagens tecnicamente “perfeitas”, propondo que as imperfeições — os “erros” na fotografia — podem, de fato, ser o *punctum* que humaniza e torna a imagem significativa. Ao focar nas imperfeições, os alunos são incentivados a construir autonarrativas visuais que não se alinham aos padrões estéticos convencionais, mas que, ao contrário, abraçam o erro como uma forma de expressão autêntica. Essa prática é parte de uma abordagem crítica da cultura visual, em que a subjetividade e a experiência pessoal dos alunos tornam-se centrais na produção artística.

Os estudos de Umberto Eco sobre a estética da beleza e da feiura (2004) servem como base para compreender a relação dos alunos com o erro e a ImPerfeição. Eco discute como a beleza tem sido, historicamente, um conceito construído em oposição à feiura, e como esses valores estéticos moldam nossa percepção. No contexto contemporâneo, especialmente com o advento das redes sociais, a busca pela perfeição visual se intensificou, criando um espaço onde apenas imagens “perfeitas” recebem validação. Em contraste, minha pesquisa propõe que a estética do erro tem o poder de desconstruir essas normas, permitindo que outras narrativas, muitas vezes negligenciadas ou marginalizadas, possam emergir. Autoras como Naomi Wolf, em *O Mito da Beleza* (2018), também contribuem para essa discussão ao revelar como a conformidade com padrões estéticos hegemonicamente aceitos está intrinsecamente ligada a dinâmicas de poder. Ao trabalhar com os alunos a produção de imagens imperfeitas, busco oferecer uma alternativa a esses padrões, incentivando uma reflexão crítica sobre as imagens que consomem e produzem.

Com a popularização dos smartphones, a produção de imagens tornou-se uma prática cotidiana, permitindo que os alunos, mesmo sem formação técnica em fotografia, participem ativamente na criação de suas próprias narrativas visuais. A fotografia digital, particularmente a de celulares, desafia a distinção entre o amador e o profissional, permitindo novas formas de expressão que escapam aos moldes tradicionais da fotografia artística. Aqui, me baseio em autores como Lucia Santaella (2012), que discute a relação entre tecnologia e produção de imagens, e John Berger, com seu clássico *Modos de Ver* (1999), onde ele argumenta que toda imagem carrega um olhar subjetivo, tanto do fotógrafo quanto do observador. Berger propõe que a maneira como vemos é sempre moldada por nossos contextos sociais e culturais, algo que ecoa diretamente na prática de incentivar os alunos a fotografarem aquilo que consideram imperfeito. Assim, a câmera do celular torna-se uma ferramenta democrática e acessível, que permite explorar e contestar as normas visuais com as quais os adolescentes são bombardeados diariamente.

A ideia de arte como experiência, conforme discutida por John Dewey (2010), também se revela fundamental para minha pesquisa. Para Dewey, a arte não é apenas um produto final, mas um processo de interação constante entre o sujeito e seu ambiente. Esse conceito encontra eco na minha abordagem pedagógica, em que a produção fotográfica não é um fim em si mesma, mas parte de um processo mais amplo de autoexploração e ressignificação pessoal. Ao desafiar os alunos a criarem a partir de seus erros, estou incentivando uma prática de reflexão e experimentação constante, onde a imperfeição é parte essencial do processo criativo. Além disso, autores como bell hooks, em *Ensinando a Transgredir* (2017), oferecem uma visão sobre o ensino

da arte como um espaço de liberdade, onde a educação crítica se articula com a transformação pessoal e social. Hooks destaca como o ato de ver e criar imagens pode ser político, e como ele está ligado à autoexpressão e à resistência cultural.

INCONCLUSÕES

Após as experiências em sala de aula, dediquei quase um ano refletindo sobre os resultados e vivenciando novas situações para entender melhor o que havia ocorrido. Essa jornada me levou a um processo de aprendizado constante, tanto sobre como ensinar quanto sobre como transmitir ideias e provocar reflexões críticas nos alunos. No entanto, a insegurança persiste, acompanhada pelo sentimento de fraude e fracasso. Os resultados não foram exatamente como eu esperava, e muitos dados que coletei foram baseados nas minhas experiências pessoais. Não consegui registrar com os alunos como se sentiram ou o que realmente queriam expressar com suas imagens. Diversas situações tornaram a pesquisa “incompleta” (ImPerfeita). Percebi que a busca pela aceitação da imperfeição é parte fundamental da minha jornada como professora, tanto para aceitar os possíveis erros dos meus alunos, quanto dos meus próprios erros.

Me inserindo no trabalho, estabeleci uma conexão com os alunos, criando um ambiente de confiança e empatia. Essa abordagem valoriza a individualidade e a complexidade de cada um, conferindo voz e significado às experiências educacionais imperfeitas. Ao optar por contar minha experiência através da metodologia de Narrativas Autobiográficas, a pesquisa supera as limitações de números e estatísticas, permitindo uma compreensão mais rica das complexidades e destacando a importância das experiências na produção de conhecimento. Essa abordagem é essencial para capturar a diversidade das vivências, considerando aspectos como recorte de idade, ambiente e dimensões sócio-afetivas.

Contudo, mesmo diante das vantagens da coleta de informações, reconheço os desafios que surgem ao lidar com narrativas pessoais, como a dificuldade de comunicação e a imprevisibilidade do processo. É um desafio evitar distorções e manipulações das informações coletadas. Além disso, a pesquisa pode não garantir uma compreensão objetiva da realidade, pois reflete minha perspectiva, limitada pelas minhas experiências. Ainda estou na fase de experimentação e coleta de informações, buscando entender a diversidade de emoções, questões de autoimagem, e a produção estética e percepção de mundo dos alunos. Meu objetivo é instigá-los a refletir sobre suas produções, impactando suas perspectivas e demonstrando a existência de múltiplas possibilidades. Para isso, é essencial abraçar as nuances na sala de aula

e questionar meus caminhos e capacidades, especialmente diante das dificuldades na pesquisa e na prática docente. Identifico-me como uma professora-pesquisadora-artista ImPerfeita, e ao longo deste processo, percebi que, mesmo com desafios, cada aula e cada interação contribuem para a construção do conhecimento e para a formação de um espaço mais acolhedor e criativo.

Ao final, entendo que a construção de um espaço onde a imperfeição é valorizada e onde todos podem se expressar é fundamental para a educação contemporânea. É preciso continuar a plantar essa semente, estimulando a criatividade e a liberdade de expressão, pois a arte deve ser um reflexo da complexidade humana, e não um padrão a ser seguido.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **O dilema das artes no ensino médio no Brasil**. 2017. 150 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. São Paulo: Nova Fronteira, 2018.

BERGER, John. **Modos de ver**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIAS, B.; IRWIN, R. **A/r/tografia: Pesquisa Educacional Baseada em Arte**. Santa Maria: Edufsm, 2013.

ECO, Umberto (Org.). **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FABRIS, A. **O desafio do olhar: fotografia e artes visuais no período das vanguardas históricas**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, bell. O olhar opositivo - a espectadora negra. **Fora do Quadro**, 26 maio 2017. Disponível em: <https://foraquadro.com/2017/05/26/o-olhar-opositivo-a-espectadora-negra-por-bell-hooks/>. Acesso em: 07 out. 2022.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IMPERFEITO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/imperfeito/>. Acesso em: 05 out. 2022.

JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/FPRNjxFHvDf8jX5Yx55ThhH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2022.

MAGALHÃES, Renata. Sebastião Salgado: ‘Foto instantânea de celular não tem valor estético’. In: **Veja Rio**, 2022. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/sebastiao-salgado-fotografia-arte-celular/>. Acesso em: 05 out. 2022.

MORENO, Carlos A. Sebastião Salgado vê fotografia extinta em 30 anos: Celular é “outra coisa”. In: **Uol**, 2016. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/efe/2016/10/28/sebastiao-salgado-ve-fotografia-em-extincao-e-instagram-como-outra-coisa.htm?foto=1>. Acesso em: 05 out. 2022.

PEDROSA, S. M. P. de A.; FIGUEIREDO DA COSTA, A. V. de. FOTOGRAFIA E EDUCAÇÃO: POSSIBILIDADES NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS DOS DISCURSOS VISUAIS. **Nuances**: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 28, n. 1, p. 78–94, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4828>. Acesso em: 16 set. 2024.

SANTAELLA, L. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012. (Coleção Como Eu Ensino).

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MARIANA NUNES DOS SANTOS

Mariana Santos é artista visual e educadora, formada em Artes Visuais pela UERJ e mestranda no programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ, na linha “Arte, Sujeito e Cidade”. Pesquisa sobre a possibilidade do “erro” na arte e na educação. Integrante do grupo Pesquisa em Arte e Visualidades PAVIS-UERJ.

ANA VALÉRIA DE FIGUEIREDO

Docente-Pesquisadora do PPGArtes e Lic. em Artes Visuais da UERJ. Estágio pós-doutoral pelo CICS Universidade Nova de Lisboa. Dr^a em Ciências Humanas-Educação PUC-Rio. Licenciada em Educação Artística UFRJ. Pesquisadora da Rede Interinstitucional de Ações Coletivas de Universidades do Brasil e América Latina (RIA). Pesquisas sobre a Pedagogia das Visualidades e Estéticas do Lúdico. Líder do grupo Pesquisa em Arte e Visualidades PAVIS-UERJ.